



**ANANSI**

Revista de Filosofia, Salvador.  
Universidade do Estado da Bahia  
ISSN: 2675-8385

## **A opacidade e a proximidade do Grande Fora – Acerca do “Indexicalismo e a Metafísica do Paradoxo**

*The Opacity and the Proximity of the Great Outdoors - A précis of ‘Indexicalism and the Metaphysics of Paradox’<sup>1</sup>*

**Hilan Bensusan**<sup>2</sup>

Tradução: Otávio Souza e Rocha Dias Maciel<sup>3</sup>

A metafísica é frequentemente associada ao esforço de iluminar o que está obscuro, de elucidar o que está oculto, de tornar o que escapa aos sentidos em algo transparente, ou de mapear a terra incógnita. Martin Heidegger diagnosticou como o caminho da metafísica (ocidental) o forçamento do oculto a se desvelar – tomando o que está por baixo da *physis* como algo que pode (e deve) ser exposto<sup>4</sup>. Transparência aparece como o nome do jogo e ele só poderia deixar de ser jogado em nome de uma preferência pela ignorância, de uma resignação às nossas próprias limitações, ou de uma preferência por algum tipo de abstenção cognitiva. Édouard Glissant descreveu esse viés de transparência como uma reação indignada a qualquer tentativa de defender o direito à opacidade: “você está defendendo a barbárie?”<sup>5</sup> Ainda assim, ele se pergunta se é o momento certo para a ideia de que há mais na opacidade do que a aceitação das nossas próprias limitações ou uma covardia total em relação ao conhecimento. O que me parece uma das características marcantes da filosofia deste início do século XXI é que há uma tendência de abordar diretamente a questão da dignidade da opacidade; além disso, frequentemente concebe-se que existe uma opacidade real que é característica do como as coisas são. Heidegger previu a possibilidade de um projeto filosófico pós-metafísico que se orientasse por algo diferente da busca por um universo transparente. Este esforço pós-metafísico acabaria por decidir o destino da investigação metafísica. De qualquer forma, o projeto de atender à opacidade como

---

<sup>1</sup> Texto Original: BENSUSAN, Hilan. The Opacity and the Proximity of the Great Outdoors – A précis of ‘Indexicalism and the Metaphysics of Paradox’ in. **Cosmos and History: The Journal of Natural and Social Philosophy**, vol. 17, no. 2, 2021.

<sup>2</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Brasília (PPGFIL/UnB). Contato: [hilantra@gmail.com](mailto:hilantra@gmail.com)

<sup>3</sup> Colaborador no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Brasília (PPGFIL/UnB) e como Professor de Filosofia e Teologia na Universidade do Distrito Federal (UnDF). Contato: [oe.maciell@gmail.com](mailto:oe.maciell@gmail.com)

<sup>4</sup> Cf., por exemplo, Heidegger, 2016, p. 110; Heidegger, 2015, p. 57 e 115.

<sup>5</sup> Glissant, 1990.

fidelidade à realidade e não como uma consequência das incapacidades humanas, tem florescido em várias direções recentemente.

O realismo especulativo pode ser entendido como um afastamento da busca pela transparência – da suposição de que as coisas podem ser completamente expostas, mesmo que nós mesmos não consigamos alcançar essa visão totalmente iluminada. A opacidade real é entendida como uma qualidade importante do que há; e o que podemos então conceber como uma tarefa pós-metafísica é mostrar como ela se encaixa em uma imagem do mundo. O realismo especulativo ofereceu relatos de opacidade como algo intrinsecamente ligado ao como as coisas são; porque, por exemplo, o recuo do objeto real não é acessível a nenhum observador, ou porque há uma contingência radical que não pode possivelmente ser superada – posições de Graham Harman e Quentin Meillassoux, respectivamente<sup>6</sup>. O *Indexicalismo* propõe abordar a opacidade a partir do compromisso de fazer justiça aos outros enquanto outros e, como tal, não os tornar transparentes através de descrições completas ou relatos substantivos. A busca pela transparência total está de alguma forma ligada à ideia de que existe uma totalidade do que há que poderia, ao menos em princípio, ser trazida à tona. Esta totalidade não teria pontos cegos, nem como segredos internos dentro dos objetos, nem como limites externos que aparecem como horizontes para o que pode ser visto. O *Indexicalismo* tenta exorcizar a totalidade postulando o vínculo inextricável entre a realidade e um engajamento com a dêixis – a exterioridade e, portanto, o fora, o além do alcance e o Grande Fora [*Great Outdoors*], na apropriada expressão de Meillassoux, são partes indissociáveis do que existe.

Indexicalismo é a afirmação de que os substantivos são implicitamente indexicais – não apenas porque pensamos as coisas por meio de termos indexicais ou porque os termos da linguagem têm uma conexão crucial com a posição de alguém, mas também porque a podemos descrever melhor a própria realidade se trocarmos substantivos por indexicais. Isso pode soar como uma afirmação intrincada e o livro procede para descompactá-la, passo a passo, para que suas consequências possam ser trazidas à tona. Indexicalismo é a ideia de que o mundo é melhor descrito em termos de expressões indexicais como “aqui”, “agora”, “você”, “fora”, “mesmo” ou “outro”. Expressões substantivas como “água”, “árvores”, “o planeta Vênus”, “o ano de 2021” ou “a população alemã” abreviam expressões indexicais, como “aquela coisa bebível que enche este e aquele lago e esta e aquela garrafa”, “aquelas coisas verdes na superfície deste planeta”, “a estrela-da-manhã e a estrela-da-noite”, “este ano” ou “aqueles que vivem entre esta e aquela fronteira”. Os indexicais não são nossa própria maneira de conceber o que está ao nosso redor, mas eles são uma chave para o que está próximo, mesmo quando eles se referem ao que é outro, ou ao fora. Eles carregam uma opacidade irremediável que é consequência de seu caráter irredutivelmente situado.

---

<sup>6</sup> Cf. Harman, 2018 e Meillassoux, 2009.

Expressões indexicais provocam um mal-estar que poderia sugerir que elas próprias são apenas atalhos contextuais para substantivos – o indexicalismo, ao contrário, morde a bala [*bites the bullet*] e sustenta que a realidade não pode ser privada de sua localização<sup>7</sup>.

Certamente, este é um caminho que nos leva ao paradoxo, porque é a partir do engajamento na busca por uma visão de lugar nenhum que a natureza situada daquilo que é melhor descrito pela dêixis é trazida à tona. É como se tivéssemos que nos aproximar da totalidade para que a própria ideia associada fosse desmantelada, a saber, a de que poderia haver uma visão de lugar nenhum. Na medida em que é uma metafísica, o indexicalismo é uma [metafísica] estranha, fora do padrão – é também uma crítica à metafísica, pois se opõe a qualquer visão completa baseada em descrições substantivas. Em vez disso, o indexicalismo abraça o caráter situado do que é real – mas isto não é um distanciamento da tarefa (metafísica) de fornecer uma visão geral sobre as coisas. É uma metafísica-paradoxal no sentido desenvolvido por Jon Cogburn<sup>8</sup>. Cogburn entende que se a metafísica é considerada a visão mais geral possível de como as coisas são, uma metafísica-paradoxal é aquela que assume que a metafísica é impossível (ou indesejável, ou inapropriada, ou violenta) e tenta fornecer a visão mais geral possível de como as coisas são, de forma tal que a metafísica é impossível (ou indesejável, ou inapropriada, ou violenta). Em outras palavras, a própria crítica da metafísica faz parte do empreendimento metafísico – para o indexicalismo, em particular, é a partir da investigação metafísica que as descrições substantivas da realidade são criticadas. Além disso, pode-se dizer que o preço do paradoxo está pago porque é uma forma de garantir que o direito dos outros à opacidade não seja violado pelo esforço de tornar tudo totalmente transparente. O indexicalismo entende que a realidade não pode ser descrita por substantivos e fornece uma explicação metafísica de como ela é tal que ela não possa ser descrita através de substantivos. Paradoxos, e voltarei a eles mais adiante, talvez estejam intimamente ligados à opacidade e, em particular, à opacidade dos outros, do exterior, do fora como tal.

O *Indexicalismo* se baseia no trabalho de David Kaplan e John Perry sobre demonstrativos e indexicais essenciais<sup>9</sup>. Kaplan entende que um demonstrativo se refere diretamente a um objeto no mundo por meio de seu caráter, seu significado linguístico, que é resolvido em seu conteúdo, o objeto, por meio do contexto. Perry argumenta que essa história semântica minora o veneno indexical carregado pelos demonstrativos: eles não podem ser resolvidos em indivíduos (substantivos) porque há papéis no pensamento que os substantivos não podem desempenhar. A opacidade de termos como “aqui”, “agora” ou

<sup>7</sup> N.T.: A palavra original é “*situatedness*”. Por se tratar de uma metafísica situacional, que combina tempo-e-espaço na noção do indexical, talvez uma tradução mais extravagante seria inventar a palavra “*situacionalidade*”. Que o público se sinta à vontade com a que preferir.

<sup>8</sup> Cogburn, 2017. N.T.: *paradoxico-metaphysics*.

<sup>9</sup> Kaplan, 1989; Perry, 1979.

mesmo “eu” é o que permite que [a frase] “eu estou aqui agora” seja verdadeira, independentemente de qualquer correlato substantivo ocasional aos demonstrativos. O indexicalismo leva isso além para argumentar que a própria realidade é (implicitamente) indexical. Isso quer dizer que os termos indexicais fixam uma referência independentemente de qualquer descrição substantiva, e aquilo a que eles se referem – chamemos de “endereço” – é a mobília última do universo [*ultimate furniture of the universe*]. Isso quer dizer que o indexicalismo é uma metafísica situada, na qual nenhuma visão de lugar nenhum pode ser fornecida, exceto aquela que sustenta que não há realidade livre da localidade da situação na qual uma posição específica dentre os indexicais pode proporcionar.

Para elaborar acerca do indexicalismo, o livro se baseia na leitura do relato de Emmanuel Levinas sobre o Outro absoluto, informado pela ideia de uma filosofia de processo que emergiu do trabalho de Alfred North Whitehead. Levinas argumenta que uma assimetria entre mim e o Outro é a chave para evitar tanto uma totalidade abrangente que não pode ser fiel à exterioridade, quanto uma visão de lugar nenhum que vê a mim e ao Outro como dois polos de uma única tensão. O Outro não é um bloco de predicções, nem mesmo aquele que é construído a partir de uma projeção de mim mesmo em outro *alter-ego*, como afirmava Edmund Husserl. O Outro interrompe o meu pensamento e a minha ação ao invés de neles se integrar – o Outro vem até mim não através de uma presença plena mas, sim, através de vestígios que me encham de uma responsabilidade infinita que escapa à compreensão total. A insistência de Levinas na natureza assimétrica do Outro é um gesto em direção a uma opacidade – e, de fato, um direito a ela. Não é que estejamos limitados em nossas capacidades cognitivas no que tange alcançar ao Outro mas, sim, que o Outro enquanto Outro põe um limite à minha liberdade de buscar conhecimento e de tornar transparente o que eu encontrar. Como várias pessoas apontaram, o Outro de Levinas talvez esteja indevidamente restrito a outros humanos que podem não apenas recusar meu pensamento e ação, mas também contestá-los<sup>10</sup>. Pensar a opacidade em termos de uma outridade<sup>11</sup> (metafísica) exigiria ir além da outridade humana, ou melhor, ficar alheio a qualquer predicção acerca do que é capaz de interromper a própria agenda de alguém.

O livro afirma que o gesto de Levinas de separar o Outro como um traço opaco e a eventual informação que pode ser fornecida ao meu pensamento ao encontrar com o que é exterior faz sentido fora da filosofia dele. O gesto é explícito em sua insistência em uma dimensão do “dizer” que não pode ser exaurida no que é “dito”<sup>12</sup>. Há mais na palavra do Outro do que aquilo que é dito através dela porque o dizer escapa ao dito; há um elemento de opacidade no que diz respeito à transparência da informação adquirida. O gesto é de alguma

<sup>10</sup> Levinas, 1969, p. 37-38.

<sup>11</sup> N.T.: Preferimos traduzir “*otherness*” como *outridade* para manter a diferença entre o que pode aproximar a palavra mais corrente, “alteridade”, da velha teoria do outro como um mero *alter ego* encontrada em Husserl.

<sup>12</sup> Levinas, 2006, Capítulo 1.

forma semelhante à persistência da capacidade de uma expressão de fixar a referência independentemente da descrição a ela associada, na imagem da referência direta em Kripke<sup>13</sup>. Levinas entende o dizer como semelhante a uma interpelação que não pode se resumir totalmente ao conteúdo de o que é dito – esta é a dimensão do Outro que sempre interrompe minha compreensão, mesmo que o que é dito não possa ser totalmente despregado da própria interrupção. O dizer é uma dimensão independente de eu estar sendo endereçado por outra pessoa<sup>14</sup>. Este é talvez o gesto mais central que o indexicalismo herdou de Levinas.

O indexicalismo desenvolve uma metafísica dos outros segundo a qual os outros enquanto outros fazem parte da imagem e, portanto, precisam se estender além do Outro levinasiano em direção a qualquer coisa exterior – em última instância, em direção ao Grande Fora. Para fazer isso, considero o relato de percepção de Whitehead como ubíqua, sua noção de importância como um elemento crucial de atenção e de coordenação, e seu relato acerca da mensura na qual o local onde estamos desempenha um papel central<sup>15</sup>. Como resultado, a metafísica dos outros finalmente chega a um relato da percepção como o próprio lugar da exterioridade no qual o Grande Fora em sua opacidade é tornado próximo e pode interromper e suspender a ação situada. O exterior substitui a própria agenda do observador e coloca questões relativas à dignidade do conhecimento. “Sim, você pode me conhecer”, diriam os outros, “mas, por favor, não o faça” – numa variação da injunção de Levinas a partir da face do Outro, “você pode me matar, mas, por favor, não o faça”. A opacidade emerge como um direito constitutivo daquilo que os outros, na sua irreduzível exterioridade – não é uma opacidade epistêmica, decorrente dos meus limites para conhecer o mundo exterior, mas, sim, um apelo que advém da própria reivindicação de justiça perante o outros enquanto outros. Esta demanda de opacidade não é projetada na realidade a partir de outro lugar – de limitações cognitivas ou de um senso de respeito proveniente de valores subjetivos ou intersubjetivos – mas é uma consequência da outridade como tal. A opacidade é o resultado de uma metafísica situada dos outros na qual a exterioridade está sempre presente – como horizontes que, como tais, não podem ser totalmente resolvidos em outras paisagens.

Uma metafísica situada está comprometida a ver as coisas em proximidade. É na proximidade que os outros, como o exterior, deixam a sua marca<sup>16</sup>. É na proximidade que ocorre o exercício da receptividade, que aparece no livro como figura da hospitalidade. A percepção é situada e, portanto, localizada dentro do horizonte dos outros. É a partir de uma circunscrição que as coisas aparecem, finalmente como são: indexicais. A exterioridade, em

<sup>13</sup> Cf., por exemplo, Kripke, 1977.

<sup>14</sup> N.T.: A expressão original é de difícil tradução: “The saying is an independent dimension of me being addressed by someone else”.

<sup>15</sup> Cf., respectivamente, Whitehead, 1978, 1968 e 2015 para estas três ideias.

<sup>16</sup> Levinas, 2006.

contraste com a totalidade, não deixa espaço para descrições abrangentes gerais, as quais o indexicalismo postula serem os substantivos no mundo. Como consequência, como sugere a [seção] *Coda* do livro, o agir é sempre localizado mesmo quando o pensamento parece ser global. A ideia de uma realidade substantiva tem muito a ver com os empreendimentos coloniais que exportam práticas para diferentes contextos com pouca interação com os outros encontrados. Tornando explícito como os substantivos têm uma estrutura indexical subjacente, uma metafísica situada caminha de mãos dadas com um esforço para promover uma descolonização do pensamento. O Indexicalismo está comprometido com a ideia de perspectiva que aparece nos relatos acerca do pensamento ameríndio propagados por antropólogos como Eduardo Viveiros de Castro. O privilégio da dêixis sobre os substantivos no perspectivismo emergente é o que fundamenta um multinaturalismo segundo o qual o que distingue entre humanos e animais tem a ver com a maneira pela qual seus corpos se relacionam com o que está a seu redor. O que há de comum entre eles são os indexicais que eles compartilham, visto que todos estão posicionados. A metafísica situada dos outros rejeita substantivos tanto na forma de substâncias que persistem como *causa sui*, quanto na forma de relações entre polos que podem ser descritas de lugar nenhum. O multinaturalismo é uma visão de corpos situados segundo a qual o que é comum entre eles é a posição indexical de que todos eles desfrutam. O paradoxo pode ser expresso assim: tudo está situado.

A metafísica-paradoxal dos outros não é alheia ao próprio esforço de Levinas, que pode ser descrito pelo que ele chama de “paradoxo da liberdade”: sou livre para descobrir minhas responsabilidades que cancelam a minha liberdade. Minha busca soberana pelo conhecimento é temperada pelas responsabilidades que encontro pelo caminho, as quais não posso abandonar. A liberdade existe para revelar a responsabilidade e a responsabilidade não pode ser totalmente compatível com a liberdade. Ainda assim, minha responsabilidade não pode suprimir minha liberdade, visto que esta é minha maneira de descobri-las, ainda que o Outro preceda a minha liberdade e torne possível meu pensamento; mesmo quando engajado na busca soberana pelo conhecimento. A mensagem é que a opacidade está ligada à busca pela transparência – paradoxalmente, é o exercício da espontaneidade que faz os outros entrarem em cena enquanto outros. Numa metafísica indexicalista dos outros, a opacidade é consequência do inevitável encontro com o exterior, com o fora. O Grande Fora como tal não pode ser senão um repositório de opacidade que não é substantiva precisamente porque o indexicalismo deixa claro que a própria opacidade é, ela mesma, situada. Além disso, ela é em si um efeito de não ser capaz de se afastar de uma posição particular sem alcançar outra, igualmente particular. É apenas a partir de uma perspectiva situada que a absoluta exterioridade do Grande Fora, opaca e próxima, pode aparecer. Como uma metafísica-paradoxal, o indexicalismo sai do projeto da metafísica para restabelecer a localidade e garantir que a localização [*situatedness*] não possa ser dispensada uma vez que sua inteligência seja capturada. Os outros, aparecendo como encontros transparentes com o

que transcende a nossa agenda, fazem reivindicações acerca de como as coisas são retratadas. Se não podem ser dispensados, sua opacidade é mais do que falta de luz.

## Referências

BENSUSAN, Hilan. **Indexicalism: Realism and the Metaphysics of Paradox**. Edinburgh: University Press, 2021.

COGBURN, Jon. **Garcian Meditations: The Dialectic of Persistence in Form and Object**. Edinburgh: University Press, 2017.

GLISSANT, Édouard. "For opacity", in **Poetics of Relation**, trans. Betsy Wing, Ann Arbor: University of Michigan Press, 1990, pp. 189-194.

HARMAN, Graham. **Object-Oriented Ontology: A New Theory of Everything**. London: Pelican, 2018.

HEIDEGGER, Martin. **History of Beyng**. Trans. William McNeil and Jeffrey Powell, Bloomington: Indiana University Press, 2015.

HEIDEGGER, Martin. **Mindfulness**. Trans. Parvis Emad and Thomas Kalary. London: Bloomsbury Academic, 2016.

KAPLAN, David. 'Demonstratives', in ALMOG, Joseph et.al. [eds.] **Themes from Kaplan**. Oxford: University Press, 1989.

KRIPKE, Saul. "Speaker's reference and semantic reference", **Midwest Studies in Philosophy II**, 1977, pp. 255-276.

LEVINAS, Emmanuel. **Totality and Infinity: An Essay on Exteriority**, trans. Alphonso Lingis. Pittsburgh: Duquesne University Press, 1969.

LEVINAS, Emmanuel. **Otherwise than Being or Beyond Essence**, trans. Alphonso Lingis. Pittsburgh: Duquesne University Press, 2006.

MEILLASSOUX, Quentin, **After Finitude: An Essay on the Necessity of Contingency**, trans. Ray Bressier. London: Bloomsbury, 2009.

PERRY, John. 'The Problem of the Essential Indexical', **Noûs**, 13.1, 1979, pp. 3-21.

WHITEHEAD, Alfred North. **The Concept of Nature**. Cambridge: University Press, 2015.

WHITEHEAD, Alfred North. **Modes of Thought**. New York: The Free Press, 1968.

WHITEHEAD, Alfred North. **Process and Reality: An Essay in Cosmology**. New York: The Free Press, 1978.